



Aqui e Além

Álbum de Poemas e Fotografias de

Ângela Correia

Prefácio de
Fernando Guerreiro

Edição de
Nazaré Carvalho

Lisboa | 2020

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Para o *curious bunch*, minha razão.

Índice

Prefácio | Fernando Guerreiro

Poemas

Alegria
Os inocentes
Amanhecer
Casa
Aqui jaz
Uma a uma
Do belo
Mistério
Regaço
Ciência
Gaivota

Terra minha, assim me guardes
O plano
Arte poética
Dúvida
Verbo vazio
Doc Martens
Natal
Em todos os clubes se paga quota
Lassa
Game over
Musgo Real

África
São Paulo
Pretérito imperfeito
Emergência
Água
Asas
Ficar vs partir
Cachemira
Sussurro
Insónia
Cair da varanda



Prefácio

Horizonte vaporoso da Arrábida com Doc Martens

Título de uma «natureza morta» (*vanitas*) barroca ou *bricolage* contemporâneo? Uso representativo da linguagem ou *patchwork* de materiais, mnésicos e imagéticos, *kitsche*? Ao fim e ao cabo, estaremos perante *assemblages* expressionistas (pop) ou *memento mori* clássicos?

Tudo tem a ver, pensamos, com a resposta que se dá à questão da linguagem. Figura, significa ela, verdadeiramente? E se não, o que faz?

Por um lado, ela é dada entre um seu uso, digamos, «aristocrático» — que talvez tenha a ver com a suspeita de traição, desvirtuamento, que traz consigo qualquer sugestão de «forma» («adoro a tonalidade aristocrática / destes versos») — e a trivialidade do seu comércio, trato («comprei este casaco / em saldo: 30 % ou mais / nos grandes armazéns») («*Cachemira*»): dela, é-nos dito, em última instância, que ela se pode sempre arrumar numa «caixa de palavras», conservada, des-animada pela refrigeração «no canto inferior esquerdo do frigorífico», restando apenas do seu suco, substância, o seu «caroço oco» (vazio) («*Uma a uma*»).

O seu próprio objecto, as cenas da «memória», parece ter perdido o seu fulgor (a casa é um «teatro vazio») («Casa»), tecendo-se sobre um «passado ausente» enquanto se «vai esfumando em branco o mais longe», talvez o presente («Terra minha»). Se o seu modo, como é dito, é o pretérito imperfeito — modo cinematográfico de dar o «passar-se» do passado com o lustro imagético (e imaginário) de uma sequência de *flashes* que se esgotam no seu próprio ocorrer («Pretérito Imperfeito») —, esses lampejos de vida (como as luzes em interiores sem pessoas nas fotos de New York) dão-se sempre face a um horizonte de «morte» («É já só uma memória / que estou obrigada / a manter viva / enquanto morro», escreve em «Casa»).

Daí essa cadência elegíaca (nostálgica) — versão pessoal do *ubi sunt* medieval (talvez Villon) — que dá a esta poesia, pela (omni)presença nela do motivo da «morte» (decadência, esquecimento) («Game over»), uma dimensão (litúrgica) de *vanitas* e um *pathos* agónico («mas é tempo / de ficar a ver / a morte tomar todas as certezas [...] mais século menos século / game over») («Game over»).

Sim, para viver ou escrever (o que pode talvez ser o mesmo [Adília Lopes]), há que forçar a matéria, natureza ou corpo («para me libertar / amputei-me / com os meus próprios dentes») («Em todos os clubes se pagam quotas»), de modo a criar forma

(«se eu fosse tua namorada, Ovídeo, / partir-me-ias os braços / para que ganhassem a forma rectilínea de asas?», pergunta em «Gaivota»).

Sim, é a dor que cria asas («Asas»), que objectiva e visibiliza («o amor como a dor / faz-nos mais completamente visíveis») («Ciência»), mesmo que essa «forma» (a linguagem trabalhada pela oficina, artesanato da escrita) se apresente desiludida na «lógica nulidade» («Gaivota») das suas contorções, «volutas como pensamentos de um deus distraído / evoluindo aquém e além sentido» («O plano»).

É esse o lugar, ausente / presente, em que se concentram e reservam o olhar (perspicaz) e a linguagem (certeira) antes da tensão («quiçá um pensamento / contra vontade quieto / por falta da palavra gerada») («Dúvida»), como quando se tira uma fotografia, que os faz disparar.

Assim, face a essa adversidade tanto do real como da linguagem, o trabalho de escrita situa-se entre, por um lado, a construção de uma espécie de armadura defensiva (= ofensiva) («torre alta / fortificada [de tristeza]» [«Alegria»], «castelo» [«Verbo vazio»] ou «ilha» [«Pretérito Imperfeito»]) – e isso, aventuramos, talvez por «medo de cair» (ser devorada, assimilada pelo real ou linguagem) («Cair da

varanda») — e, por outro lado, uma atitude de cansaço («Lassa»), melancolia ou tristeza que, contudo, permite erigir um «abrigo» («porto abrigado») de onde se vê melhor e com mais sentidos («vê-se de lá o mundo / com mais sentidos») («Alegria»).

Escrever, parcealizar criticamente o real para o refazer, leva assim à desrealização e à fragmentação tanto do real («África») como das palavras («música em desenhos em pedaços») («O plano»), tendencialmente estas, pelo seu desbaratado uso, ocas e vazias («Uma a uma», «Verbo vazio», «Musgo Real»).

No entanto, a fragmentação acaba por construir o espaço de uma visão parada (extática, de suspensão da emoção) (as «fortificações e barricadas» induzidas pelo «belo» afinal «apontam o norte») («Do belo») que, por esse feito de paralisação (*freeze*) na imagem, tanto acentua o grotesco=trágico (como desenho, caricatura, grafismo) das coisas (nas palavras), como permite a instauração de uma dimensão estética (à letra) que combina descrição e sensorialidade («Terra minha», «África»), sejam as mãos grossas e retalhadas da avó («Mistério») ou o cheiro a «rama verde» do avô («Musgo Real»).

Espaço estético (e de *stase*), de um esvaziamento que é também o lugar de uma «expansão molecular» («Lassa»), que é distendido pelo efeito de vaporização azul (*floue*) das fotos tiradas pela autora em Junho de 2019 em New York, com uma câmara Sony Alpha 7, e agora acrescentadas aos poemas. Fotos que, pelo jogo de repetição e permuta de alguns dos seus elementos (um relógio ou o *placard* com o anúncio de *Toy Story*), vindo sobre o fundo da noite urbana, onirizam a sua arquitectura. Daí, pensamos, a sua importância no livro já que produzem, nele, um efeito semelhante ao dos «espaços em branco» da página em que caíam as palavras (e com elas a linguagem e o mundo) em *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard* de Stéphane Mallarmé.

Somos assim conduzidos da literalidade (não esquecendo que a «realidade é um prisma / inquieto») («Cachemira») de uma poesia elementar (da «vida secreta» e pobre das coisas «sob o sono») que procura e possibilita a vinda de pequenas «epifanias» («Insónia») — o que faz do poema algo de tangível, uma oferenda (Adília Lopes) — a uma dimensão «metamórfica» da escrita que re-cria o mundo («Gaivota», «Terra minha», «O plano»).

Mas uma poesia em Doc Martens, praticada de acordo com uma «arte poética» de «bicho mau» que «ferra» («em gesto veloz», «mais que certo, infalível») («Arte Poética») e que cospe «terra» («Os Inocentes»), que caminha, sim, sobre «lava negra» («Amanhecer») com sapatos por onde, por «fendas ínfimas inúmeras», entra água («Doc Martens»), mas encontra o seu lugar (na linguagem e no real) na própria medida em que objecta / se opõe ao mundo.

«Missão cumprida, pequena Ângela» («Musgo Real»), podes seguir o teu curso.

Fernando Guerreiro
Fevereiro, 2020

Ângela Correia

61

Aqui e Além. Álbum de Poemas e Fotografias



Alegria

Em pequena
a mãe temia
quaisquer surtos de alegria
em mim

Dizia que nada auguravam
de bom

Dobados tantos anos
a tristeza é um
posto abrigado

Vê-se de lá o mundo
com mais sentidos
Uma torre alta
fortificada
acima da vida clara e lenta

Sou feliz quando sou triste

Triste sei mais
Inalcançável e indiferente
a quantos se esforçam
por me alcançar

Entra sempre, tristeza boazinha

Vem
pôr-me a salvo de mim



Os inocentes

Chego a ter pena de os inocentes
serem tão transparentes
Retraem-se mostrando
o que escondem os outros
tecendo gentilezas
Mas ah... não carecemos
de olhar o sol
para sabermos que existe
ou mesmo onde está

Beijo na boca os sóis
que os inocentes me mostram
beijo na boca os inocentes
que os refletem e denunciam
pobrezinhos todos
beijo-os na boca
com abundante saliva
e força

Talvez se convençam a orbitar longe

Temo porém que os una eu
Sou a gravidade que une o sol
aos inocentes
Sem mim ficariam entregues
ao silêncio universal
Nem veneno solar
nem inocência para o receber e refletir
Beijo-os na boca
com tanta força quanto dó
transparentes os inocentes
transparentes os outros que aos inocentes
se confiam
beijo-os na boca

e cuspo terra

Ângela Correia

| 13 |

Aqui e Além. Álbum de Poemas e Fotografias



Amanhecer

Sou um ovo
 Sob o lençol da manhã
 os ossos dispõem-se
 em ângulos agudos
 e sobrepostos planos
 arredondados
 O pensamento é
 lava incandescente
 movendo-se com vagar e brilho

A luz atravessa severa
 o lençol branco e os olhos cobertos

Sou um ovo
 Dois ou três ossos rompem o
 perímetro do lençol
 abrem-se ângulos
 infimamente

Sou ainda o lugar
 do pensamento em
 modo lava incandescente
 movendo-se onnipresente

No instante de descobrir os olhos
 de romper o ovo
 estarão os ossos condenados à
 ação

O peso urgente do corpo
 sobre dois pés tortos
 expostos à luz direta
 do dia que emerge
 e reclama
 Caminha
 Anda, caminha sobre a fria
 negra, extirpante
 lava

Casa

Terminou o *show*
As luzes apagaram-se quase todas
Os atores que criei
saíram
rindo distraídos

Os meus saltos ecoam disparatados no palco
enquanto noto os adereços inúteis

Vou pensando que
poderia ter feito mais
com menos

Tenho este teatro vazio
preso ao tornozelo
É já só uma memória
que estou obrigada
a manter viva
enquanto morro



Aqui jaz

Em querendo a gente
muito amar
usa de vendas
sobre o mal havido
na esperança de que o mal
colabore, minguando
Se cresce, porém
libertador se faz o mal
de vendas sobre o mal havido
E sendo um bem a liberdade
aqui jaz provado
que do mal pode, sim
nascer o bem
E da liberdade, o desamor





Uma a uma

Guardo uma caixa de palavras
no canto inferior esquerdo do meu frigorífico
Diz a caixa, de cartão dobrado
com impressões a laranja e verde,
que as palavras vieram
da Quinta da Fadagosa, Cova da Beira, Fundão
Creio haver também impressa
informação precisa sobre o calibre das palavras
que não retive, por me ter dado habitual
preguiça de pensar sequências
Maduras e doces são as palavras que guardo na caixa
carnudas, insinuentes
reluzentes até mas veladamente
pelo ínfimo orvalhar do frio
elétrico
Trouxe-as a mãe
estas palavras de pé curvo

e deixou-mas nos braços à sombra da nespereira
Nunca antes trincara palavra
achando caroço partido em dois
assim constatei ser oco
o caroço das palavras
Vai a caixa esvaziando

As últimas enruga-as o tempo
delicadamente
ou o bicho habita lentamente

Ai agora, que farei eu
à caixa vazia de palavras
só nelas o lastro do sangue esvaído
enquanto duraram na caixa
as palavras frias



Do belo

Acreditei
que o belo haveria
de guardar-me
do mal

Ergui fortificações e barricadas
de belo
Achei-me segura

Um leve sopro
de mal bastou para atravessar
as fileiras de belo em meu redor

Como foram inúteis
indiferentes ao mal
ao tempo
indiferentes a mim

O belo não me guardou
nem do mal nem do bem

Talvez, sim
Talvez tenha apontado o norte
mostrado por onde regressar
a mim
depois do mal e do bem

Talvez isso, sim



Mistério

O mistério maior
da minha infância
foram as mãos da minha avó

Nos livros que eu lia
as mãos de todas as avós
eram macias, finas e perfumadas

As mãos da minha avó
eram grossas, retalhadas
e cheiravam a coisas

Muito procurei resolver
tal mistério
enquanto suportava a saudade
da minha avó
arranhando amorosamente
a minha face de menina

Eu estava partindo e ela ficando
Haver mistério era afinal o maior
mistério

Regaço

O rio da minha cidade
é de veludo solene
Nas margens do rio da minha cidade
plantam-se passos
e amores em forma de árvores
No rio da minha cidade
os navios passam
pelo espanto
contra o desenho de um barco
Sobre o rio da minha cidade
esmorece o sol
em *dégradés* de laranja e turquesa
brilham luzes enformadas
e aves perdidas

O rio que fez minha a cidade
estende-me o regaço maternal
de uma fronteira temporal

Ciência

Só

quando a mão amada poisa sobre a minha
fico a saber
que existe
a minha mão

Só

quando a mão amada explora
do meu corpo
uma curva invisível aos meus olhos
fico a saber que existo
além do que vejo

O amor como a dor
faz-nos mais completamente
visíveis





Gaivota

Se eu fosse tua namorada, Ovídeo
 partir-me-ias os braços
 para que ganhassem a forma retilínea de asas?
 Se te beijasse a boca
 com paixão, Ovídeo
 rasgar-me-ias a carne para a estenderes pena
 sobre pena?
 Se eu inventasse nomes ridículos
 para te chamar
 insuflar-me-ias a pele para que soubesse voar?
 Se eu te recebesse entre membros abandonados
 unirias depois os ossos das minhas duas pernas
 para formar a cauda de uma gaivota?
 Esticarias a minha cara até haver bico curvo e duro?
 E com a imaculada elegância do sangue ausente
 amassarias os meus olhos à força de pulso

para que ficassem pequenos e nervosos?
 Inventarias para mim, Ovídeo, uma história
 onde com nexo me somasse em corpo de gaivota
 ao horizonte vaporoso da Arrábida
 preso pela gravidade contra a evidência?
 Rasgar-me-ias o peito para voltares do avesso
 o meu corpo de gaivota e reinventares uma nuvem
 e depois nada?

Conseguiria eu amar-te, Ovídeo
 se me estendesses, amante, a oferta
 de uma lógica nulidade?



Terra minha, assim me guardes

Aninham-se aos meus olhos vales
no sangue-terra das vinhas a outonar
Volta-se a casa para a frente de onde olha
As névoas criam falsas ilhas na distância e o sol
aclara o sossego horizontal

O longe e o mais longe estreitam-se na luz que esmorece
Ocres, esmeraldas pelo chão empapado, e rubis
Glabros brilhos de água dispostos ao espanto
do entardecer, que vai esfumando em branco o mais longe

Há gigantes pelos montes, que agitam circularmente os braços
assinalando a humanidade. Atrás os cães protestam
acossados pelos muros musgosos, orvalhados

Eis aqui o lugar onde sempre chego
mesmo quando parto

Aqui onde teço um passado ausente
e me despeço de um fatal futuro havido



O plano

Consigo vê-los sem mesmo querer
Na música há desenhos
sem cor nem traço
como se fossem do antes de serem música
e tivessem chegado sem nunca terem partido
Nas palavras de criação
vejo desenhos em pedaços
ou mesmo inteiros
Às vezes, até música em desenhos em pedaços
ou mesmo inteiros
Também nos desenhos
vejo desenhos como gestos
não arqueológicos, presentes
No corpo que dança, desenhos há
não presentes, arquetípicos
E não sei que lhes chame
estão lá, vejo-os

reconheço a evolução e a forma
cada uma com seu nome-composto
e seu exato lugar
Poderia contar a história de cada um
sem nada inventar
Nas minhas mãos reconheço
o fim da criação
quando por fim caem
as palavras minhas e os meus desenhos
no lugar daqueles que vejo

Volutas como pensamentos de um deus distraído
evoluindo aquém e além sentido
Quem dera saber dizer

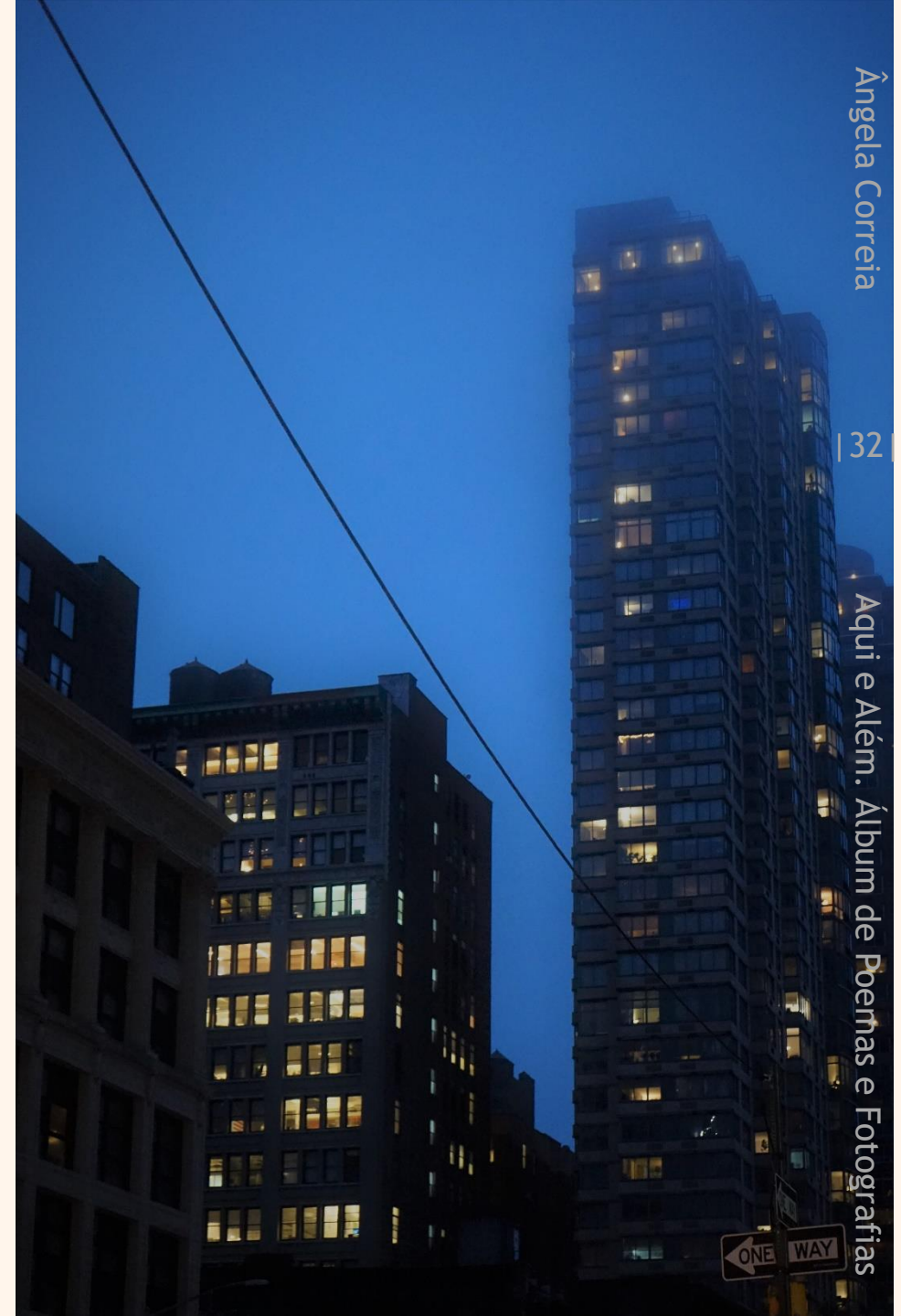
Arte poética

Eu quero ser o bicho mau
que encandeia
com uma dança só pele e ossos
nada bela
porém sedutora
lentamente eretora
paralisante, por meio
de ansiedade libertada
em doses controladas
olhos nos olhos
queixo erguido
até ferrar em gesto veloz
no coração espesso
espinho mortal metálico
e dúctil. Mais que certo, infalível
É isto



Dúvida

Há ávida coisa em mim...
Não sendo extraterrestre
(Deus incluído)
tão-pouco é verme ou espirro
órgão ou sentimento
Nem mesmo o espesso
passar do sangue
Ausência em movimento
não é, embora se mova e aperte
Quiçá um pensamento
contra vontade quieto
por falta de palavra gerada
que baste à força contida
de ser
esmagada sob não ser
Duvido, porém
Duvido que seja
Duvido sem dúvida que tal seja





Verbo vazio

Menina e doce
saiu do castelo de seus pais
Na guerra sangrenta ganhou a batalha
de guardar a doçura
em guerreiro esquartejado
Quis voltar ao castelo
depositar o troféu, entregar os despojos
receber o afago devido
aos guerreiros valerosos
O castelo de seus pais não encontrou
Guerreira e doce erra agora
pelo bosque, cogitando
Julga encantado o castelo
negado o abrigo, perdido...
Mas não

Menina e doce deixou
um castelo que nunca houve
Além do bosque sombrio
voltar é um verbo vazio



Doc Martens

Chove em fio noturno
ao frio de novembro
a calçada torta dolorosa
escorre

Sento-me no muro temporal
com os pés pendurados
sobre uma rua extinta
que não vou lembrar

O diacho é não ser o caso dos meus pés
que dela não abrem mão
humilhados, molhados e frios
Pobre é palavra com sapatos
do chinês, ou gastos ao ponto de
só mais um bocadinho

Sapatos de água circulante
por fendas ínfimas inúmeras
Melhor se esquecem as *golden*
comidas sempre meio podres
que os pés molhados e frios
no tempo descampado

Ali sentada no muro temporal
sou pessoa calçada de *Doc Martens*
Não entra chuva nesta couraça
mas lá dentro os meus pés lembram
pendurados sobre o tempo extinto
o frio molhado rindo
da pobreza estúpida



Natal

A gente diz árvore
quando conta ver tronco
A gente diz barco
quando crê que navegue
A gente diz família confiando em arrimo

Ao contrário; agora ao contrário

Se a gente não contar com tronco
não haverá árvore
Se não crermos que navegue
não será barco
Se do arrimo desconfiar a gente
família não é

Agora ao contrário do contrário

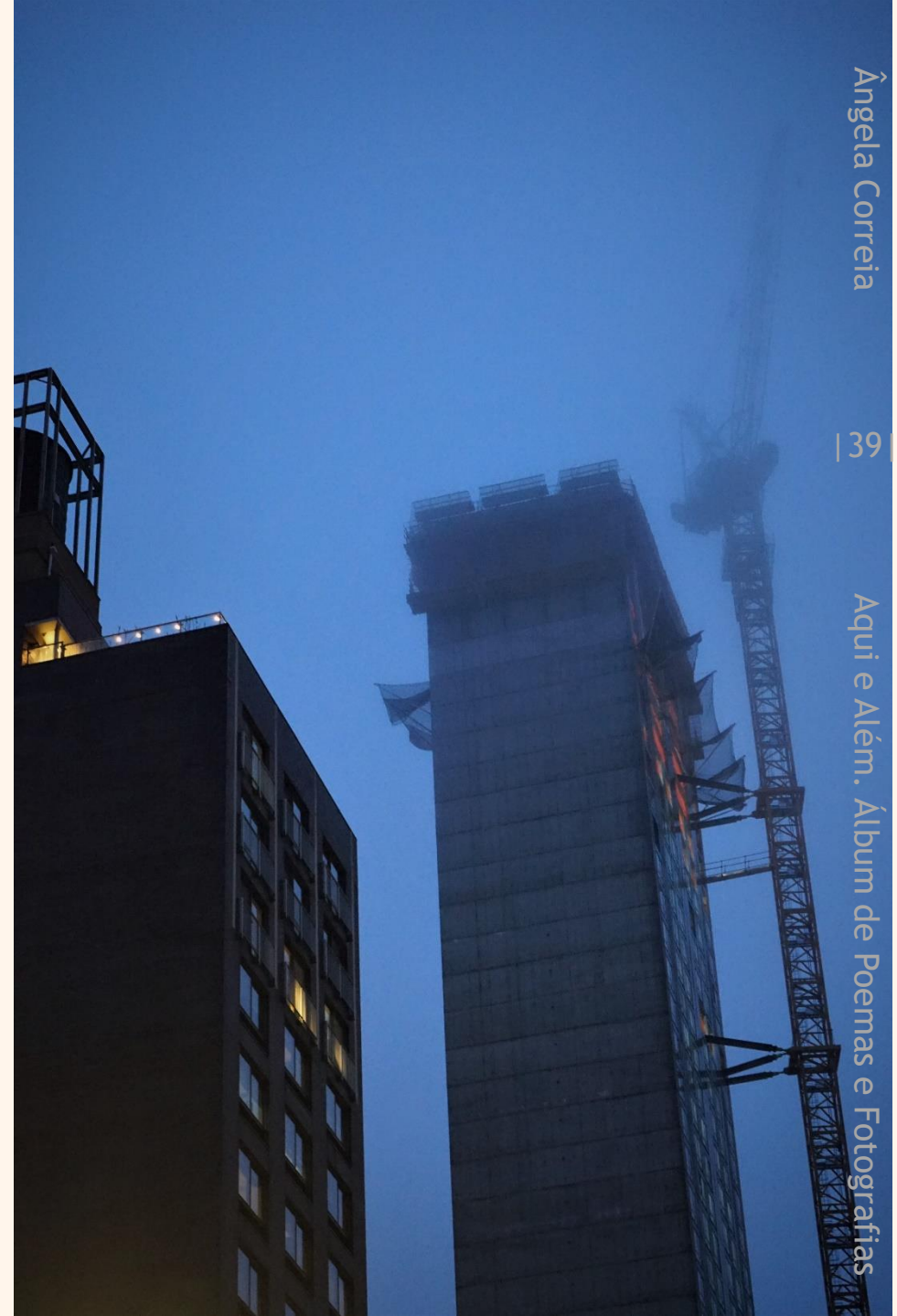
Se houver tronco, será árvore
Se navegar, barco é
Onde houver arrimo, se achará família

Em todos os clubes se paga quota

Não nasci livre
Para me libertar
amputei-me
com os meus próprios dentes
roendo história

Mesmo assim
não morrerei livre
se não morrer só
e miserável

A liberdade é um bem
vociferado e maior
porém rejeitado
em cada ínfimo ato
de amor
em cada sedimento
pessoal de história



Lassa

Em dias de expansão molecular tamanha
sou transparente e permeável
mais leve que o cúmulo de ser leve
E depois desprendo-me em pedaços
desenfiados da fita que os enforma
sem volume nem motor
imóvel
experimentando tudo
e por tudo atravessada até à náusea
Um peito naufrago à procura de nexo
coesão, sentido
essência móvel e agente
uma voz, uma memória, um ato correspondente

Morrer poderia ser isto
estar morto já não poderia





Game over

Eu sei
 morre a gente
 morrem os gatos
 morrem cavalos e árvores
 Bate-se a gente pela
 vida da gente
 pela vida dos gatos
 dos cavalos
 até dos pássaros
 se os pássaros
 à gente pertencem

Bem sei
 em caso de doença
 batemo-nos por
 um pouco mais de tempo
 mas a morte sempre chega

ninguém vivo lhe
 escapa
 Depois da batalha
 a morte certíssima
 sempre vem colher o corpo
 que lhe pertence

É a Terra um corpo vivo
 como a gente, como os gatos
 e os cavalos e os pássaros
 todos os que vivem
 Bate-se a gente pela Terra
 como pela gente que morre
 mas também da Terra
 a morte certíssima
 virá colher o corpo
 tombando oblíquo na batalha

Bem sei
 A batalha
 serve o ânimo
 na ilusão do remédio
 trará talvez um pouco de tempo
 mais uma ou outra centena de outonos
 mas é tempo
 de ficar a ver
 a morte tomar todas as certezas
 a vida de joelhos estender
 o pescoço
 Abdicar dos milagres

É tempo
 de ver a vida tombar
 oblíqua sobre a Terra

Neste corpo planetário
 a morte é sem talvez

Eu sei
 Num abaixar de olhos
 num descair de ombros
 num inexplicado silêncio
 aceitei já

Game over
 mais século menos século
game over



Musgo Real

O meu avô
cheirava a rama verde
de tomate maduro
e a *Musgo Real*
Suspeito de que
no tempo antes de mim
fosse brutal
mas nunca converti
em frases o abaixar de olhos
que me fez deduzir tal

O meu avô tinha a cabeça quadrada
e vergonha de sorrir

Abria sulcos na terra
para a água passar
e afogava ninhadas de cães

indiferente às camélias brancas
espreitando sobre o poço
a nata verde onde
caminhavam insetos

O meu avô era uma
oliveira que os meus pais
me levavam a visitar
Se havia alguma espécie
de amor ali
nunca o vi. Mas sei bem
que nunca ter avistado desamor
foi uma espécie de amor

Sendo pequena
decidi que o nome do sabonete
haveria de fazer-me falta mais tarde
o tarde que agora é

Decorei com fervor
o nome do sabonete
quando decidi que haveria
de sentir saudade

Falei disto à poetisa Adília Lopes
que um dia me ofereceu
um sabonete *Musgo Real*
para me lembrar do meu avô

Missão cumprida, pequena Ângela
Podes já deixar-me em paz



África

O meu tio Januário
tinha uma loja
a que chamavam cantina
lá perto do rio
Limpopo
Um dia estava a atender
um homem com fato
até aos pés e muitas mulheres
O meu tio Januário disse-lhe
vê lá se queres ir até
ao armazém
O homem não queria

O meu tio tinha um empregado
musculado
Entre os balcões havia
um espaço

O empregado do meu tio
punha o braço musculado
entre os balcões
e eu pendurava-me no braço
balouçando
Achava o empregado do meu tio
o homem mais forte
do mundo
Ele ria-se

Lá fora a terra desfazia-se
em pó rubro
e a minha prima
ensinava-me a andar de bicicleta
A minha tia tinha
um cozinheiro
e trocava pares de calças por

dentes de elefante

Os meus tios eram pessoas
importantes
os meus primos também
Eu ia passar férias

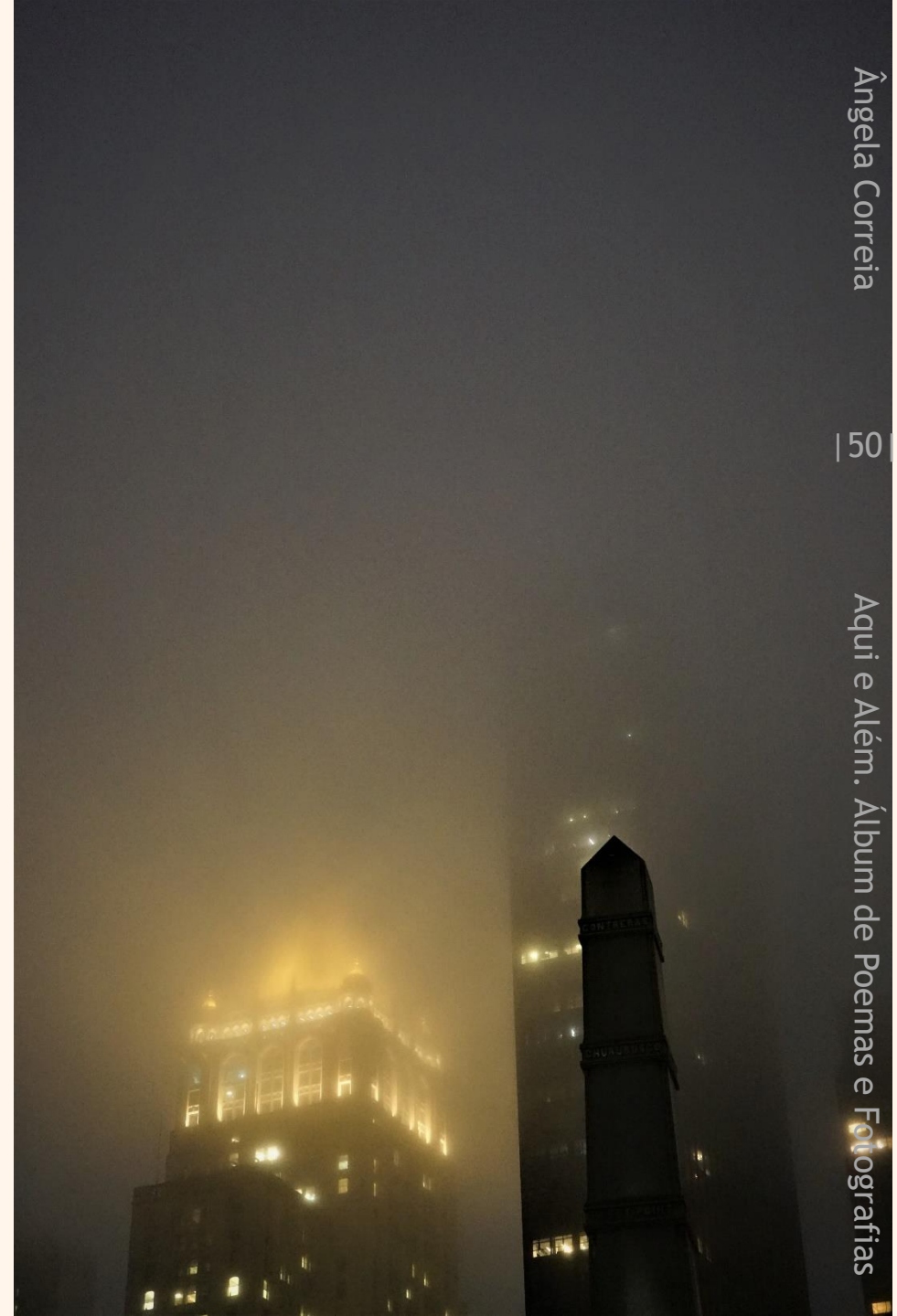
Ali havia perigo e riso
os uns e os outros

Lembro-me disto
mas de mais nada
eu era ínfima
e todos éramos sem sabermos
na verdade miseráveis

São Paulo

Eu vi a luz de Lisboa sobre o azul horizontal
indiferente e lânguida na paciente brancura dos lençóis
rumorosos

O âmago de partir é voltar
e a inquebrada luz de Lisboa
Para sempre aqui onde
o regresso é





Pretérito imperfeito

Não sei a quantas gramáticas
 chegou descrito
 o mais lindo pretérito
 imperfeito
 que a portuguesa língua
 consente
 em perfeito paradoxo
 com o advérbio de tempo
 sempre companheiro
 Agora eu era o herói
 agora eu ia apanhar
 os nossos filhos à escola
 agora íamos comer um gelado
 chocolate baunilha morango
 era tão bom
 lambíamos os lábios
 eles adoravam-me
 éramos felizes
 voltávamos para casa abraçados

Quantos destinos riscados
 à sombra deste pretérito
 imperfeito
 quantos tristes fados
 imperfeitos pretéritos
 forçados ao presente do
 indicativo
 Quantos criativos presentes
 impossibilitados
 por aquele imperfeito
 pretérito debitado
 no chão dos meninos
 sempiterna bitola
 de adultos sucessos
 serás grande se couberes
 no teu imperfeito
 pretérito, chamado perseguido sonho
 agora

serás amargo se tiveres criado
um presente diferente
do teu imperfeito pretérito
nem penses em redenções
É assim
testemunhas familiares to recordarão
em cada Natal Páscoa domingo

Eu agora era uma ilha
e pronto



Emergência

Vai o meu coração emparedado
no andor dos dias

Água

Em cada de nós
um rio frondoso
tumultuoso mesmo
que o direito e o avesso
lavasse
com a água
que nunca volta
e só nos rios
há

Asas

Foi a dor que me deu asas
não de anjo nem de ave
As asas que a dor me deu
são asas de peregrino
sem bastão nem destino

Ficar vs partir

Patinho feio patinho feio
dentro de ti é um lugar adverso
sai daí não sejas assim
Olha um ramo que passa
segura-te
O tempo da utilidade
é breve
Falta pouco
Falta tanto



Cachemira

Durmo no inverno
com um casaco
de alva cachemira
Adoro a tonalidade
aristocrática destes versos

Comprei este casaco
em saldo: 30 % ou mais
nuns grandes armazéns

Passadas semanas
o meu casaco de alva cachemira
desatou a mostrar manchas
aqui e ali
tornou-se socialmente
imprestável

Fui aos grandes armazéns
reclamar
Chamaram o chefe
enviaram o casaco para
análise no laboratório
por fim vaticinaram
a inocência própria
no caso das manchas
que tornaram o meu casaco
de alva cachemira
socialmente incapaz

Ficou o casaco destinado
às noites de inverno
ao escuro do sono
onde as manchas
nada podem contra a ideia
e o tato da alva cachemira

Se o casaco não tivesse sido atacado
de manchas, eu não teria um casaco de
cachemira para dormir
nem versos de tonalidade aristocrática
para dizer

Se os grandes armazéns tivessem
aceitado
a minha reclamação
eu não teria um casaco de
cachemira com que dormir
nem versos de tonalidade aristocrática
para dizer

Devo assim aos grandes armazéns
e àquele saldo — 30 % ou mais!
o luxo imerecido de dormir com um
casaco de cachemira no inverno

e uns versos de delicada
tonalidade aristocrática

A realidade é um prisma
inquieta

Sussurro

Se tudo recomeça
minha filha
por que nos é dado
tanto padecer?

Quanto do nosso sal
se desperdiça
infecundo
sobre a Terra?





Insónia

Deito sobre a tua respiração
 as raízes da minha insónia
 Sem remédio
 Comove-se a água
 e movem-se os móveis
 Irrompe
 o halo esverdeado
 provindo afinal
 do relógio
 Quem passa aí?
 Parece visita
 a vida secreta
 das coisas
 sob o sono
 O pensamento recorre
 cercado
 buscando epifanias

A cerca não cede
 nem cerca a insone força
 cujo fim absurdo
 é inexistir
 Noite descerrada
 e o estado cálido
 não basta



Cair da varanda

À beira do sono há uma varanda
Por isso dizem os ingleses
to fall asleep
houvesse uma varanda à beira do sexo
e os ingleses diriam
to fall asex
ou talvez seja desta varanda que falam
quando dizem *to fall in love*
Não sei, não vim falar das varandas à beira do amor
se as há (os ingleses não são claros
e os cientistas discutem ainda
sobre se o amor, como a libido,
é uma necessidade básica do ser
ou tão-só uma teimosia)
nem dos ventos que lá passam
Mas sei que na varanda do sono
corre um vento devastador
vê-se logo que vamos cair

E quem estará naquele fundo a perder de vista
para amparar o corpo desamparado
e o resto à deriva?

Da varanda suspensa num alto, à beira do sono
tudo abana e não se vê o chão
Disputar ao vento a queda
protestar contra a força que nos desmembra
é inútil e faz sangue

Maior que a força do vento na varanda do sono
só mesmo o medo de cair

Aqui e Além

Álbum de Poemas e Fotografias de

Ângela Correia

Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, editora de originais, de trovadores, Camilo Castelo Branco e Vitorino Nemésio, publicou alguns contos em revistas literárias, um livro para a infância (*Guilherme e os Agriões*, pela Máquina de Voar) e *Enganos*.

**Prefácio de
Fernando Guerreiro**

Ensaísta, poeta e investigador, é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e autor de diversos livros e artigos sobre cinema e literatura.

**Edição de
Nazaré Carvalho**

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desempenhou funções de edição e revisão na Editorial Presença e na McKinsey & Company. Atualmente trabalha num grupo de comunicação social.

Lisboa | 2020

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**